

Amostra: Planejadores dos planos que desenvolvem os projetos e programas em favor das Políticas Públicas de promoção da leitura no Brasil e em Portugal.

CBr06

A	Caracterização do entrevistado
<p>A1- Há quanto tempo coordena (ou participa) o/do PNLL/ PNL?</p> <p>Então Patrícia, como eu te disse, eu coordenei a construção e elaboração do plano no governo Agnelo Queiroz, o último governo de Brasília, que deve ter ocorrido de 2010 a 2014, não estou me lembrando muito das datas mas acho que foi isso. Estive a frente da gerência do livro e da leitura e a incumbência principal dessa gerência passou a ser a elaboração do Plano Distrital do Livro e da Leitura. Nesse momento eu sou professora da escola de formação de professores e trabalho na rede a 33 anos.</p> <p>A2- Que tipo de vínculo (efetivo, contratado, nomeado)?</p> <p>Eu sou concursada, como eu te disse, a 33 anos na rede, comecei muito jovem como normalista, depois eu fui galgando, sou professora de português, com formação de letras, português e inglês.</p> <p>A3- Quais são as suas principais atribuições?</p> <p>A minha principal atribuição era a nível de coordenação geral mesmo, eu coordenei a elaboração do plano na secretaria de estado de educação. Só pra clarear como é que funciona aqui no Distrito Federal, a gente tem até hoje, além da coordenação central, em cada dessas 14 cidades, que a gente tem espalhadas as cidades que a gente chama de satélites, a gente tem uma coordenação intermediária. Então através desses coordenadores intermediários chegavam a suas escolas, a gente construiu esse plano durante o ano de 2013.</p> <p>A4- Tem formação acadêmica e profissional neste domínio?</p> <p>Minha formação acadêmica não é de bibliotecária, eu disse que eu sou formada em letras, português e inglês, mas eu já andei conversando com você Patrícia, e eu contei que mais do que a formação acadêmica, a formação profissional e pessoal, é que me moveu e me move esse tempo todo a lutar por essas políticas públicas de formação do leitor, principalmente. Então, quando a gente soube do Plano Nacional e que alguns estados estavam se mobilizando para construir o seu, nós agarramos essa possibilidade com as duas mãos e fomos em frente.</p>	
B	Criação e Finalidade do PNLL e do PNL
<p>B1 – O que justificou a criação do PNLL e do PNL?</p> <p>B2 - De que entidade partiu a iniciativa?</p> <p>Sabe que isso é uma boa pergunta, eu me lembro exatamente de que entidade nasceu esse movimento, eu sei que da nossa parte da educação, como eu estava a frente, foi muito bem vinda assim, eu não lembro se foi um convite da cultura ou uma fala mesmo do secretário na ocasião, o secretário do plano nacional do livro e da leitura que nos mobilizou a entrarmos juntos, se eu não estiver errada e se eu estiver me desculpem o equívoco, eu acho que viemos juntos a secretaria de cultura, a secretaria de educação, e a ciência e tecnologia muito pouquinho, mas veio também a nosso convite para a gente construir esse plano. A parte que você vê concreta do plano ficou a cargo da cultura, então eles trouxeram a impressão desse material, eles cuidaram da digitação, essa parte, eu vou dizer a verdade, ficou muito na mão deles. Agora vou defender a sardinha pro meu lado, a cultura tinha que ter uma bibliotekinha pública, não desmerecendo, são bibliotecas muito pequenas, são bibliotecas que tem um cômodo, nas 31 cidades que a gente tem periféricas a Brasília, então eles tem esses setores e eles tentaram também chamar a comunidade em torno, então chamaram aos livreiros, aos contadores de histórias e eventualmente a gente tinha reuniões</p>	

com todas essas pessoas. Agora, porque eu disse que eu vou puxar a sardinha pro meu lado, porque nós somos em torno de 600 escolas. E coordenar um processo desse com 600 escolas envolvidas, tentando ouvir a voz de todos, tentando que chegue ao contexto da escola essa discussão, não foi fácil. É difícil medir, mas o nosso fardo foi muito pesado, foi feito com muito boa vontade, mas foi muito pesado.

B3 – Quais são as finalidades do Programa? Que metas foram traçadas?

A finalidade principal do plano ao meu ver era investir na formação de leitores e insistir nessa formação, porque nós temos, em Brasília a gente tem de alguma forma um chão já andado, nossas escolas quase todas tem uma salinha de leitura, quando não, nas próprias salas de aula tem um cantinho de leitura. Então, digamos, era fomentar essa formação de leitores nas escolas e além disso, eu vou dizer o que cabia mais a educação, o que nos interessava muito também era a questão da formação de profissionais, dos nossos professores na área de formação de leitores, professores formando leitores. Muitas vezes eles mesmo não são leitores, então isso estava previsto no plano, como uma das nossas metas, ampliar essa cadeia de formadores de leitores. A gente tinha até previsto, está no plano nosso, uma especialização de mediadores de leitura, nós fomos ao MEC, fizemos alguns contatos com o Sefome, chegamos a discutir, mandar um plano, eu soube disso quando fui a um encontro no Rio Grande do Norte, eles tinham implantado uma coisa parecida. Então acabou que essa especialização não aconteceu do jeito que a gente queria, mas aconteceu. Ela abriu para outras áreas, não ficou só com mediadores de leitura, ficou com segmentos múltiplos, aconteceu de alguma forma, então, mesmo o plano tendo estagnado com a troca de governos, essa formação foi adiante, então essa era uma meta forte nossa. A outra meta que eu disse é o fomento a formação de leitores nas próprias escolas, sem dizer a questão dos acervos, a renovação deles, a informatização das bibliotecas e tinha uma coisa que a cultura dizia muito que era fazer um sistema integrado de bibliotecas, isso a gente não conseguiu, que a gente consiga algum dia, que não é fácil. A gente tem uma grande dificuldade também, isso deve ser senso comum no Brasil, os profissionais que atuam nas bibliotecas são profissionais adoentados, às vezes sem voz, problemas de cabeça... As bibliotecas escolares tem infelizmente esse perfil e a gente, mesmo com esses profissionais, a gente tentava encorajá-los e pouquíssimos bibliotecários, tão poucos, tão poucos, que eu acho que dá pra contar numa mão, que é uma vergonha absoluta. Nós chegamos a anunciar uma possibilidade de um concurso, parece que não aconteceu, mas nós conseguimos apoio da biblioteca naquela época, em nível médio. Então a gente tinha algumas metas, tantas, muitas, mas eu estou citando as principais que eram essas mesmo.

B4 - Que relação estabelece entre hábitos de leitura e promoção do sucesso educativo?

Isso eu gosto de falar, não tenho dúvida nenhuma. Eu até não gosto dessa palavra hábito. Acaba que é um hábito mesmo, eu por exemplo não existo sem ler, eu vivo lendo, todos os dias, se eu não ler parece que eu não existi, mas de qualquer forma a gente gosta de dizer gosto pela leitura, primeiro porque? Porque pra mim é como se o hábito fosse advindo desse gosto, então primeiro se gosta, se conquista o leitor, depois que ele vira um hábito, que é tão gostoso ler todo dia, todo dia, que vira um hábito. Então, quando você diz essa coisa da relação o hábito da leitura e a promoção do sucesso educativo, eu nunca tive dúvida nenhuma. Eu costumo dizer que a leitura salvou a minha vida e é por isso que eu luto por ela e sempre acho que ela salva a de todos nós, que temos a possibilidade de encontrar no conhecimento outros mundos, outras vidas, outras possibilidades, eu digo que a gente é mais humano quando a gente lê, a gente se reconhece no outro, a gente fica mais crítico, mais justo, mais gente. Então, eu não tenho dúvida nenhuma de que a leitura, eu não vou citar a teoria mas a gente pode achar um monte de teoria pra fundamentar isso, que a leitura tem uma ligação fundamental do que você chama aqui de sucesso educativo, que é exatamente isso.

C	Estruturas de coordenação e parcerias institucionais
	<p>C1- Como se operacionalizou o PNLL/PNL? Que estruturas foram criadas?</p> <p>No governo do PT, do Agnelo Queiroz, nosso governador, a gente teve a felicidade de ter na nova estrutura da educação uma gerência, que se chamou a gerência do livro e da leitura que foi criada para tomar conta de tudo que se relacionasse a livro e leitura, o fomento a letramento, foi nessa estrutura que eu estive, e eu reconheço que foi um ganho para a educação, inclusive essa gerência não existe mais, infelizmente. Por outro lado, na Cultura, a gente teve uma subsecretária de políticas públicas do livro e da leitura que também foi muito significativo. Então a gente teve essas duas forças que moveram a elaboração do plano, a escrita do plano, pra gente chegar aonde a gente chegou, conseguimos concretizar nosso PDLL, o Plano do Distrito Federal do Livro e Leitura.</p> <p>C2- Quais são as suas atribuições e qual seu âmbito geográfico?</p> <p>Quando eu estava à frente da gerência a minha atribuição era exatamente a de gerente, uma delas em relação ao plano era coordenar, como já disse, toda elaboração, toda discussão, a gente dizia nas reuniões que a gente encontrava, a gente tinha reuniões mensais, às vezes quinzenais durante quase todo ano, a gente dizia quando a gente discutia o plano que aquele momento era pra pacificar algumas considerações, então como vinham muitas a gente lançava pro grupo e dizia, agora a gente vai pacificar essa sugestão, todo mundo de acordo ou não? Então, essa foi uma atribuição muito importante que me tomou, eu digo eu, a minha equipe, minha equipe que era bem pequenininha de três, quatro pessoas, mas nos tomou um bom tempo de trabalho, enorme tempo de trabalho, era difícil fazer isso e sem considerar tudo que vinha, porque às vezes vinham pequenas colocações que a primeira vista podia parecer “ah isso não importa”, mas a gente inseria no plano, levava para discussão e no fim a gente dizia: como isso foi importante. Então essa consideração de planejamento participativo, de construção coletiva é um aprendizado muito importante. Então minha atribuição principal no que tange ao plano do livro e da leitura era essa e o âmbito geográfico era todo o Distrito Federal, a gente coordenava não só a cidade de Brasília, Plano Piloto, mas todas as colaborações que vinham, inclusive, nessa elaboração nós convidamos todas as subsecretarias da educação que a gente sabia que na subsecretária de modernização e tecnologia, que mexia com a parte de informatização, a gente tinha muito a contar com eles, a gente chamava a subsecretaria de gerência de pessoas, sugep na época e essa também era muito importante porque a gente precisava de profissionais para isso, então a gente chamava a subsecretária de planejamento, nos ajudaria a planejar o financeiro, os mobiliários, etc. etc. Então a gente chamou todas as subsecretárias em momentos diferentes para a gente tentar construir com eles também para que eles conseguissem vislumbrar essa importância. Eu me lembro de um dia muito importante, quando eu levei um guarda-chuva bem grandão, em cada gomo no guarda-chuva eu coloquei o nome de uma subsecretaria e ficava girando o guarda-chuva e mostrava para eles: vocês conseguem ver que a gente só vai construir esse plano juntos? Como nessa estrutura do guarda-chuva a gente se emanar pra conseguir estruturar o plano? Aí eles conseguiram visualizar, que bom então, essa era minha atribuição, de conversar da importância do plano.</p> <p>C3- Como se articulam e que processos/instrumentos existem para a sua coordenação?</p> <p>Isso é importante também, o mais importante é falar da articulação, essa é uma palavra muito importante, nós trabalhamos muito articulados a Cultura, a gente estava sempre muito junto, a gente tinha um contato muito interessante, essa articulação era muito bem feita, tanto o secretário de cultura como o secretário de educação a gente também tinha um bom entrosamento, isso foi muito importante. O ciência e tecnologia, como eu disse, veio ao largo mas também entrou porque eles conseguiram, mas mais que isso eu penso que a gente conquistou politicamente um olhar, eu vou dizer assim, um olhar dos nossos subsecretários, tanto o de Cultura, o de Cultura era muito fácil porque o Hamilton Pereira na ocasião</p>

também era escritor, era o escritor de pseudônimo Pedro Terra, então ele já era sensível pra questão, então ele não deu muito trabalho não, ele veio junto muito rápido com a gente e também deu muita força. O da educação não era tanto mas ele conseguiu vislumbrar o quanto o plano ia fazer a educação crescer, em todos os aspectos, então ele nos apoiou muito, inclusive destinando verba quando era necessário para a organização desse trabalho.

C4- Quais foram e são as principais entidades parceiras no Plano? Que importância elas tiveram no processo de implementação? Que importância têm no desenvolvimento de projetos e atividades?

Eu acho que parceria de verdade, porque tem aquelas que entram com o nome né? Mas parceria de verdade a gente teve com representantes dos livreiros. Me lembro, eu já citei aqui em conversa com a Patrícia Iris Borges, que é uma figura de muita atuação em Brasília, então ela foi uma parceira muito importante, eles tem uma Câmara Brasileiro do Livro e da Leitura, chama Brasileiro mas é aqui do Distrito Federal, então ela e um ou outro representante estiveram conosco algumas vezes, participações muito importantes. Também tivemos como parceiros o Sindicato dos Escritores, um ou outro representante. A turma que trabalha com contação de história, eventualmente também veio. Então, a comunidade, a gente tem um nome no plano pra isso, não to me lembrando como o plano denomina essa comunidade que está ao entorno, mas que é muito vital para a construção do plano, a gente teve essa parceria. A importância né? A educação e a cultura nós estávamos como entidades governamentais, uma coisa é você está governo, outra coisa é você contar como a sociedade que está ali envolvida que está interessada nisso, que precisa disso para sobreviver, os escritores, os livreiros, então eu ouvia muito isso: livreiro só quer vender livro e dizia, escritor também, só quer vender livro, só está pensando no dinheiro – eles falavam isso, eu ouvi isso várias vezes, em muitas reuniões, quando eles não estavam presentes, claro. Eu dizia: gente, que bom que a gente pode vender livro, que bom que a gente pode escrever livro, isso é muito importante, essa cadeia produtiva precisa fomento, também fui livreiro e isso me deu esse olhar importante e gosto muito de literatura, consigo enxergar a importância que é cada ator desse na construção desse plano. Então, mais do que vender livro os livreiros contribuem para o movimento da educação, do conhecimento, a distribuição desses livros pra essa meninada, o livro tem que chegar na mão do menino, sendo ele comprado pelos pais ou sendo comprado pelo governo, que bom que existem escritores, que bom que existem distribuidores, livreiros, etc. etc. Então, nenhum desses atores foi desconsiderado no nosso plano, a gente ouvia esses argumentos, retrucava e dizia: a gente tem que fortalecer essa cadeia porque dentro dela é que a gente vai ter uma educação melhor, vai ter uma cultura, etc. Acho que é mais ou menos isso.

D	Implementação do Plano (receção da medida nas bibliotecas públicas e escolares e nos atores, potencialidades, problemas)
----------	---

D1 - Que projetos/ programas foram desenvolvidos pra a implementação do PNLL /PNL?

Na verdade foi assim, foi engraçado, quando a gente foi montar o plano a gente foi vendo que muitos programas e projetos já existiam, claro, é uma cidade jovem, o distrito federal é um distrito jovem, mas a gente não ficou parado esses anos todos, então a gente ia aí, só pra citar alguns, a gente tinha o projeto Leitor e Criador, ele foi até escritor por um escritor muito importante, premiadíssimo com o jabuti, a Estela Mares Resende, que agora está no Rio mas construiu esse projeto aqui em Brasília com a gente, esse projeto por exemplo prevê o encontro do escritor com o leitor, mas o mais importante de tudo não é só o encontro, mais importante do que tudo é o que precede o encontro é a leitura com a obra, e o trabalho com a obra, então quando o escritor chega na escola, eu acompanhei diversos, no governo de Cristovão já existia desde aquele governo, 95 a 98, a gente acompanhou 100 escolas pelo menos que desenvolveram esse projeto, então quando a gente chegava na escola, a escola estava toda pronta para receber aquele autor, as crianças estavam com fantasias dos personagens, os

murais estavam todos construídos a partir das obras daquele autor, era muito bacana. Então, só pra dar um exemplo, esse projeto já existia e ele estava sendo retomado, então esse projeto entrou, entraram outros projetos, vários, alguns projetos do próprio governo vieram fortes também. A olimpíada da língua portuguesa veio forte, ela fomenta a produção escrita, a leitura, nesse ano a gente conseguiu o quinto lugar no Brasil, nós fomos a quinta federação que mais inscreveu escolas e levamos onze finalistas. Então, a gente tinha alguns programas, o Trilhas que é um projeto que veio da Natura, que também fomentou a literatura infantil nas escolas para criança pequena. Aqui em Brasília outros projetos como cordel literário, entre outros números, a gente tem umas três páginas de projetos que já vinham e outros que foram vindo a medida que vinham aparecendo a gente ia incluindo no plano. Então quando você me pergunta que projetos ou programas foram desenvolvidos, preciso dizer resumindo, que nós captamos aqueles que já existiam, até nos próprios encontros literários, alguns encontros de contadores de histórias, as feiras de livros, as bienais, então a gente foi incorporando todas essas manifestações, não só literárias mas de leitura e formação de leitor e incorporamos isso ao plano, demos uma sistematizada nessas ações para que a gente conseguisse coordená-las e aproveitar ao máximo.

D 2 - Quais são os seus objetivos específicos e eixos de intervenção?

D 3 - Quais são os seus destinatários e que entidades os atores os promovem?

Acabei já dizendo isso na pergunta anterior mas vou reforçar, acho que os principais destinatários de um plano de livro e leitura, de todo plano, é o leitor e junto com o leitor tem que ter o formador do leitor, poucos se formar leitor, por isso que a gente precisa ter os formadores de leitores, os destinatários são os leitores e os atores principais que os promovem, seriam os bibliotecários, que são os professores, que a gente tinha essa ação de formação, mas também vou incluir nesse pacote desses atores, que eu já citei e vou citar de novo, são os escritores, são os ilustradores, são os livreiros, são os contadores de histórias, como eles são fundamentais, tem gente que não acredita muito mas eu acredito muito nesse contador e ainda friso, aquele contador que mostra o livro, eu sempre digo quando eu vou intermediar uma contação de histórias ou estou perto de algum, ele conta aquela história linda e fala “do livro tal”, aí eu falo mas não trouxe o livro pra mostrar? Eu brinco assim. A criança tem que conhecer, o professor tem que conhecer, o pai tem que conhecer, o objeto concreto, é o livro, essa belíssima história, às vezes com belíssimas ilustrações, livro infantil é de uma riqueza, ele tá ali, então se vc quer lembrar essa história depois você pode dizer assim, aqui, tá nesse, esse é o objeto tão simbolicamente maravilhoso, eu brinco nisso, então o contador de histórias é um ator muito importante, as bienais, as feiras, todas essas entidades e atores contribuem para a formação de qualquer plano.

D 4 - Pode identificar os aspectos mais significativos da implementação deste Plano?

Rapidamente falando, eu fico pensando que o aspecto, eu vou colocar um mais significativo que foi a sistematização dessas ações, porque de alguma forma como eu já disse, algumas ações ocorriam mas soltas, uma lá na cultura, outra lá na comunidade não sei aonde, outro livreiro lá pequenininho, outro escritor querendo começar, alguma professora com um trabalho lindo, um projeto maravilhoso lá tão distante que a gente mal fica sabendo. Eu fico pensando que o aspecto mais importante de um plano, pelo menos o que eu entendo é esse, sistematizar essas ações e colocar em um documento e a partir desse documento é que se deveria fortalecer essas ações, porque aí você pode atrair uma força, um fomento financeiro, um fomento político, em Brasília a gente tinha o jargão, nosso governo dizia muito “Brasília, capital da leitura.”, nem uma, nem duas vezes nós estivemos com nosso governador, junto com o secretário dizendo: Oh governador, Brasília não é a capital da leitura? Então quanto é que vem pra gente pra fazer isso, pra comprar livro, pra fortalecer os cantinhos de leitura, pra implementar as bibliotecas, pra reformar alguma, ai ele: então é isso, é verdade, vamos

destinar uma parte, isso a gente precisa fazer. Então politicamente precisa partir de um documento formal, não adianta uma pequena professora ir lá, um ente, tem ente, um contador de história que vai ficar de escola em escola, de cidade em cidade, mambeando, vai fazer esse trabalho com aquele dinheirinho lá, solto, sem ter locução com a escola, às vezes ele vai pra falar com a escola e a professora não sabe que conto ele vai dizer ali na hora, que narrativa... se tudo pudesse estar esquematizado, ancorado no currículo da escola, oh que riqueza que ia ser, então pra mim um aspecto principal, tem outros inúmeros que eu já andei dizendo na minha fala, mas o aspecto principal do plano, pelo menos que eu consigo enxergar é esse, sistematizar as ações de leitura, os atores que estão ali dentro, documentar isso e conseguir alavancar politicamente, financeiramente, essa riqueza que é a formação do leitor, o livro, a leitura, etc.

D 5 - Como foi recebido e apropriado pelas entidades/atores que o promovem? (solicitar centramento especial nas bibliotecas municipais e escolares)

Pra dizer a verdade, nada é muito fácil de fazer, não sei como os outros estados conseguiram trabalhar isso, mas não foi fácil não. Sempre há o estranhamento, por mais que você fizesse um trabalho de sensibilização e isso eu fazia sempre, a minha equipe que era pequeninha mas a gente já... a primeira coisa era entrar sensibilizando, eu contei o caso do guarda-chuva, a gente entrava com texto literário, um poema, primeiro pra sensibilizar, pra mostrar o tanto que é importante a leitura. Depois a gente vinha ouvir, a gente ouvia, ouvia sempre, ouvia, eles tem que dizer, eles tem que reclamar, tudo muito difícil, a situação das bibliotecas não só aqui, mas como a gente já conversou, nacionalmente não é fácil. Brasília, como todos os outros lugares, as pessoas que lá trabalham tem pouca formação, são professores readaptados, alguns doentes, etc. Bibliotecários, pouquíssimos, pra contar nos dedos, então as bibliotecas ou salas de leitura, a gente não tem poucas não, se brincar nós temos aproximadamente 400 funcionando em 600 escolas, o que não é pouco e as escolas que não tem as salas de leitura ou as bibliotecas é porque o número de alunos não permite, quando permite a gente faz uma força pra que esse espaço seja dedicado ao livro, a leitura, a informação, que agora a gente tem computadores e a gente diz muito que esse espaço tem que ser maior do que só o livro, tem que ter outros suportes, ainda mais no século 21. Então, você perguntou como é que foi recebido, não foi fácil, eu digo que é difícil sensibilizar o professor, é difícil sensibilizar o diretor, foi difícil sensibilizar quase todo mundo, mas eu acho que a gente conseguiu fazer isso e eu acho que o mínimo que a gente pode deixar é que a gente conseguiu trazer esse olhar, esse locus, que é o locus da biblioteca, que eu costumo dizer que é o lugar mais importante da escola, é oficina, é laboratório e é de lá que vem o conhecimento, então essa luz a gente conseguiu dar pra esses espaços porque todo mundo comentava: estão aí construindo o plano, que que vocês vão querer dar, se não quiser falar nada depois não reclamem, então a gente uma conversa assim pra que chegasse. A gente tentou.

D 6 - Como foi recebido e apropriado pelos destinatários? (solicita centramento especial nos alunos)

Essa vai ser a resposta mais negativa da entrevista, como eu te disse, o governo acabou em 2014 e o plano estava pronto para ir para câmara distrital ser votado e implementado, então a gente não teve uma implementação do plano, infelizmente. Esse governo parece que desconhece o plano, não há nem a gerência do livro e da leitura, não há a secretária de políticas públicas do livro e da leitura também, então é uma pena, eu fico achando que essas ações de leitura voltaram ao que eram antes, então são pequenas iniciativas de professores que amam ler, de bibliotecários que adoram divulgar o conhecimento, de livreiros, de escritores, que vão às vezes sem ganhar nada pra escola, tentando fazer, ou pra bibliotecas públicas ou escolares, tentando fazer o seu trabalho.

Exatamente, infelizmente. Infelizmente eu preciso dizer isso pra você, e foi lançado oficialmente, se a gente procurar a gente tem entrevistas, no próprio site da secretária deve ter

fotos, eu estava presente, não fiz nem uma, nem duas falas sobre o plano, falei aqui no Distrito Federal, falei em outros estados, eram poucos os estados que estavam fazendo plano, que estavam com o plano em construção e nós éramos um deles, a gente estava muito vaidoso, nós ficamos muito vaidosos, a gente estava saindo na frente. Eu me lembro de encontros nacionais que eu fui, quando eu conversava com as pessoas, as pessoas diziam: Nossa, vou levar você pro meu estado pra dar aula de plano, porque a gente estava com tudo na ponta da língua. Eu digo: Não, qualquer um dá conta de fazer isso, é só você ler o material, se imbuir daquilo e procurar as fontes, e a gente tem todo o material na mão. E como eu disse, as ações já existem, era uma questão de sistematizar.

D 7- Quais as maiores dificuldades enfrentadas na implantação do Plano?

Eu posso dizer de outro prisma, das maiores dificuldades na construção, porque o plano ele não implementado, ele foi construído, foi lançado, ele não foi implementado e vou até uma aspas, ele não foi oficialmente implementado mas como eu disse, muitas ações foram sendo implementadas durante a construção do plano, nós realizamos duas grandes bienais durante esse governo, na elaboração do plano, esses eventos constaram, foram ações previstas no plano, nós conseguimos, não vou te dizer números que eu não tenho esse número na mão, mas nós conseguimos uma boa compra de computadores, nós conseguimos a distribuição de ipads, então tudo isso a gente foi ligando, e eu vou voltar para os parênteses das bienais, nas duas bienais que tivemos e intercalando as bienais fazendo feiras de livros, em todas essas circunstâncias, nós tivemos um aporte financeiro muito bom para a compra de acervo, mais de um milhão de reais, acho que chegou a 3 milhões de reais alguns anos, então as escolas recebiam um cartão livre, eu não sei como chamava se era cheque livre, cartão livre.... Ah me lembrei de uma coisa que foi muito bonita na primeira bienal, além dessa compra do livro, o professor que se inscreveu conseguiu um bônus, então ele ganhava um cartãozinho vermelho e ele ia a feira e tinha ali um valor que ele podia comprar, então isso foi a primeira vez que o professor teve um aporte financeiro, que a gente que na universidade isso acontecer, mas na secretária de educação não tinha ouvido falar. Na primeira bienal nossa a gente conseguiu isso e essa ação estava prevista no plano. Então, o nosso plano, se eu disser que ele não foi implementado eu to mentindo, ele foi implementado por várias ações. Eu falei das olimpíadas, eu falei do projeto trilhas, eu falei de bibliotecas, de acervos, de renovação de acervos, eu não falei mas vou reinterar agora, os cantinhos de leitura que a gente conseguiu uma verba, alguns livros vinham do MEC, mas eles não tinham como instalar os livros, a gente fez o modelo, divulgou. Então assim, muitas escolas isso saiu de dentro do PEDAF que é um plano de distribuição financeira que a gente tem em todas as escolas, então de alguma forma o plano foi parcialmente implementado. Algumas dificuldades, agora sim eu posso falar, como sempre política né? Muita luta pra tentar trazer esse olhar pra cá, atrás do olhar, a verba, a crença de que estavam investindo numa coisa muito importante, que é o livro, e desse resultado, dessa implementação desses livros nas escolas chegaram projetos muito bonitos, na nossa segunda bienal a gente teve uma exposição de escolas com projetos interessantíssimos, porque eles escolhiam as obras e dessas obras escolhidas eles faziam seus projetos, muito projeto interessantíssimo. Então de alguma forma, parcialmente, nosso plano foi implementado, ele não foi implementado totalmente e não teve continuidade, infelizmente, essa é a parte triste da história.

D 8- Quais as maiores dificuldades enfrentadas na manutenção do Plano?

E	Monitorização, avaliação e financiamento
----------	---

E1- Há monitoramento das atividades do Plano? Com que meios e como se processa?

De qualquer forma, durante a elaboração e implementação, ao mesmo tempo, havia sim, nós tínhamos a coordenação central e as coordenações intermediárias e essas coordenações intermediárias nos ajudavam a monitorar as ações, as ações todas de alguns projetos que eu já citei, visita dos escritores, etc. etc. e ajudavam muito, porque são quase 600 escolas, mais

de 500.000 alunos, então não era fácil. Era um trabalho duro mesmo, mas era muito bem feito pela nossa equipe. E os meios são aqueles que a gente costuma dizer, são aqueles profissionais que estão ali e dispostos, sempre na educação eu vou dizer a você, a gente sempre tem que contar com boa vontade, então quem estava ali a frente da coordenação intermediária do livro e da leitura, em todas as cidades, nessas quatorze cidades, estavam porque gostavam muito e a gente fazia uma equipe muito coesa e em cada cidade dessa vinha forte, vinha segurando no cabresto, vinha com força pra dá conta de organizar esse trabalho que não é fácil.

E2 - Há recursos destinados especificamente para o PNLL /PNL?

Não. Infelizmente não chegamos nessa parte feliz, como eu disse no começo. Não conseguimos, mas algumas ações previstas no plano, algum aporte financeiro, e às vezes um bom aporte financeiro foi feito. Como eu te disse foi um bom dinheiro investido nas bienais, também um bom dinheiro na compra de acervo e outras coisas que eu já citei, não especialmente para o plano que não foi oficialmente implementado, mas as ações que estavam previstas no plano e durante a elaboração a gente teve sim um aporte um financeiro.

E3 - Qual a metodologia utilizada para avaliar o PNLL /PNL?

Então Patrícia, eu também vou ficar devendo, eu gostaria muito que esse novo governo pudesse reler o nosso plano, melhorar e avaliar o nosso trabalho, porque a gente não teve esse momento de avaliação. Infelizmente.

E4 - Qual é a fonte de financiamento do PNLL/PNL? Considera o financiamento adequado?

Também não tivemos uma fonte, eu lembro de ouvir do Galeno a época, ele chegou a anunciar em alguns encontros um aporte financeiro, mas logo isso caiu, logo isso foi desmanchado, primeiro em nível nacional e não chegamos num nível distrital de conseguir nada.

F	Avaliação Global e Resultados (mudanças observadas, efeitos)
----------	---

F 1 - Como avalia o desenvolvimento dos referidos programa, nomeadamente ao nível:

F1.1 - Do impacto na promoção de hábitos de leitura e da igualdade de oportunidades educativas.

Eu vou falar de um lugar que não é o lugar de implementação total do plano e eu tenho certeza absoluta que a gente, isso a gente tem uma pesquisa, eu não sei exatamente onde essa pesquisa está, mas a gente tem uma pesquisa que já diz que até o quinto ano, no primeiro bloco do ensino fundamental, a gente tem um quantitativo de leitores que extrapola nossa meta, se eu não me engano passa de quatro ponto alguma coisa, são dados daquele último senso, aquela pesquisa que eu te falei do Pro livro, então isso, curioso, com as crianças menores e com nossa sensibilização pra essas escolas isso já vem forte, então eu sei que esses programas que eu citei anteriormente e entre outros, que já estavam previstos no plano, eles oportunizam sim. A gente vinha conversando sobre a importância que é a família para fomentar esse leitor, e uma outra pesquisa que a gente também comentou e segundo a pesquisa, não era mais a família que fomentava essa questão do leitor, é a escola e aí uma responsabilidade muito maior, e a gente falava muito disso e o plano veio muito para aclarar essa questão para os professores. E a gente estava satisfeito, eu falei em algumas reuniões: Olha, está muito feliz, vocês estão conseguindo fazer o trabalho de vocês (pedagogos e professores). As crianças saem do quinto ano gostando de ler, conhecendo literatura, não posso dizer que os programas do FNDE, os livros são de altíssima qualidade, você entra em qualquer biblioteca pública hoje e eu fui em uma semana passada que eu fui fazer trabalho voluntário, seleção pra uma colega, o acervo é precioso, as pessoas é que não sabem, ficam muitas vezes empoeirado, jogado no canto; às vezes a sala de leitura está sem ninguém lá dentro, tem que abrir com chave, e aquela poeira, tirar, escolher, o acervo é maravilhoso. Então assim, essa questão da promoção do hábito de leitura, que eu vou falar de gosto, e das oportunidades educativas, é muito importante principalmente quando você fala do prisma

das escolas públicas. As crianças muitas vezes elas não tem livro em casa então muitas vezes precisam ter a escola, precisam ter o acervo da biblioteca, que é muito bom, na mão delas, então esse livro precisa estar circulando na escola. Ele dizia isso o tempo todo, muitos projetos e programas previam essa circulação, inclusive o cantinho de leitura na própria sala de aula, a gente brincava “mas como? A biblioteca vai ficar sem utilidade”, e eu dizia “Meu deus do céu, o contrário, a biblioteca é que vai organizar a distribuição desse acervo, então o bibliotecário, o professor que atua na biblioteca vai chegar pro professor e vai dizer: quais os conteúdos que vai desenvolver essa semana? Ah, então vamos lá pesquisar todos os livros que eu tenho nessa área, informativos, outro tipo de livros, de imagens... então você vai trabalhar aquele acervo na sua sala.” Então leva aquele acervo pra sala, 30 livros, 20 livros, trabalha, trabalha, trabalha, acabou? Então vamos trocar. Então o bibliotecário não vai ter paz, ele vai trabalhar o tempo todo. Tem só livro? Que programas você tem? Que vídeos você tem? Que outros aportes você tem? Que outros livros de consulta você tem? Dicionários, etc. etc., pra você ajudar esse trabalho. A gente escreveu um texto, um texto bonito, falando sobre isso, sobre a importância que é o livro circular pela escola. Então esse impacto eu tenho certeza que veio forte e foi importante para a formação de novos leitores nas nossas escolas.

F1.2 - Da participação das entidades/instituições nacionais, federais e municipais?

Sobre isso eu preciso dizer que em nível nacional, a gente teve sim a disposição, agora eu me esqueci o nome da pessoa, mas era uma profissional, que o governo federal disponibilizou para nos ajudar a construir o plano, eu sei que essa pessoa esteve conosco uma ou duas vezes para bater um papo e nos apoiou no que a gente precisava. A gente realizou acho que dois seminários sobre esse assunto aqui em Brasília, e essa pessoa foi uma parceira ajudando a montar isso. Então a gente teve sim nesse sentido, eu acho que foi a secretária do livro e da leitura nacional, uma coisa assim, vieram pessoas que eram pagas, consultores para nos ajudar e a gente teve esse apoio. Outra entidade, instituição não me lembro, infelizmente não me lembro não.

F1.3 - Da adesão das bibliotecas municipais e escolares, dos professores, dos alunos?

Isso eu já disse um pouquinho, eu não posso avaliar grandemente isso com relação às bibliotecas municipais, que a gente chama de bibliotecas públicas, alguém da cultura que precisa falar sobre isso, mas com relação às escolares, a avaliação que eu tenho é que esse espaço passou a ser visto, não posso avaliar isso de outra forma, porque eu não sei os resultados porque isso infelizmente ficou parado no tempo mas é um espaço que passou a ser visto, antes ele era deixado de lado, os professores às vezes pensam “nunca tinha entrado aqui”, imagina, um espaço tão importante e alunos o mesmo dizer do professor “não sabia que tinha tanta coisa bacana aqui dentro”, então a avaliação que eu faço com relação a esse, não vou falar adesão porque a gente tem tão poucos profissionais, mesmo os que lá estavam também aderiram de alguma forma ao plano quando eles foram de alguma forma foram valorizados, quando você valoriza a pessoa, valoriza o espaço, não sei o que vem primeiro mas você bota luz ali dentro, é normal que a comunidade em torno se sinta mais valorizada também.

F2 - Qual o impacto do Plano no estímulo à leitura na região que ele está inserido e quais as expectativas futuras?

Uma coisa que eu não disse, acho que cabe dizer, o nosso plano considerava as especificidades das cidades, a gente está dentro de um terreno que não é muito grande, o Distrito Federal, imagino quem está no estado como a Bahia, outros estados tão diversos, uma coisa enorme, mas de qualquer forma, o nosso pequenininho, a gente uma cidade por exemplo que se chama Braslândia, ela tem uma especificidade, um folclore próprio da região, então essa especificidade constava no plano, a gente respeitava isso, então quando vi aquela questão do estímulo a leitura na região, coisa que a gente quase não usa aqui em

Brasília, esse jargão, a gente fala mais de cidade, cidades do entorno, então quando fala dessa coisa de região, bonito você ter falado disso, eu lembrei de sobradinho, quando falou da palavra vão me vindo essas imagens, então a realidade de Sobradinho que tem a manifestação do meu bumba meu boi, a realidade de braslândia que são outras manifestações, cada cidade com sua manifestação, a questão do livro e da leitura dá luz a essas especificidades locais, foi muito legal porque isso veio no plano e foi considerado muito legal, as feirinhas que eles faziam regionais traziam essas questões a tona, muito legal. A expectativa futura, no fundo, no fundo eu queria muito que o plano fosse resgatado de onde quer que ele esteja, o documento que deve estar navegando por algum buraco negro, mas que ele seja resgatado porque minha expectativa, acho que nós que trabalhamos com isso, essa questão, é que isso seja retomado de alguma forma, que a gente possa levar a frente a importância que é, coordenar e botar pra funcionar, tudo que a gente fez com tanto carinho, com tantas contribuições, de tantos lugares, colocar a leitura como foco principal, isso é a que é a expectativa futura. Exato, é a minha expectativa.

F3 - Quais as suas expectativas em relação ao programa PNL ou PNLL?

Olha, o plano tá lá o papelzinho dormindo, mas o que tem escrito lá tem muita expectativa, as ações que estavam alavancadas, aquelas que a gente sonhava alavancar, estão lá previstos, então há muita expectativa ali dentro, está tudo registrado, falta só alguém querer pegar.

F4 - Sente dificuldade em desenvolver o seu trabalho?

Não foi fácil não. Um trabalho desse é um trabalho de porte. Eu estou a 33 anos como professora na rede e já desenvolvi muitos trabalhos na minha vida e se brincar esse foi o trabalho mais desafiador. É muito difícil, porque além de você ouvir todas as vozes, você tem que articular todas essas vozes, como eu disse, com outras secretárias, muitas contribuições que vinham eram atinentes a outros espaços. Eu lembro que a gente destacou no plano e juntou aquilo mesmo como se fosse hoje, reuni aquilo em documento e mandei pra secretária de cultura e disse: isso é da sua conta, isso não nos cabe. Gostaria muito de colocar isso na parte da educação do plano, aí essa junção depois foi feita mas com o aclarar de quem eram responsáveis por cada meta, porque se você achar que todo mundo tem que fazer tudo, ninguém vai pra lugar nenhum. Então, não vou dizer que eu senti dificuldade não porque quando é um desafio a gente vai com vontade, mas foi um trabalho difícil de fazer, muito bom de ser feito e a gente fica muito orgulhosa, e a única tristeza é ver que isso está perdido em algum lugar e não se fala mais nisso, nesse governo que entrou hoje não tem.

G	Comparação com Plano de outro país/países
----------	--

G1 - Conhece o PNLL do Brasil/PNL de Portugal?

De Portugal não conheço não, eu gostaria muito de conhecer, eu conheço o do Brasil, foi nele que a gente se inspirou, o PNLL claro, a gente leu aquilo de cabo a rabo pra poder a gente se inspirar mesmo e criar o nosso.

(Planos Estaduais)

Sim, chegamos a ler, o do Mato Grosso do Sul, parece. Algum lugar do Rio também, não sei se foi um município, mas algum lugar que gestou um plano, estava muito bonito o plano deles, não sei se estava lançado mas estava bem rascunhado, cheguei a ver, cheguei a ler, ela partilhou com a gente. Eram dois ou três planos, a gente conheceu e leu a todos sim.

Sim, Rio de leitores, aí que bonito, muito poético né?

G2 - Encontra semelhanças e diferenças no que diz respeito às finalidades e objetivos, à estrutura, à implementação organização/funcionamento/financiamento, resultados obtidos?

Dos que eu conheço eu achei muitas semelhanças, até porque a recomendação foi que seguissemos os eixos interessantes mesmo, que abriam vertentes para áreas diversas. Mas de qualquer forma tem finalidades muito semelhantes, objetivos semelhantes, quase toda

estrutura, engraçado todo plano que eu me lembro, as dificuldades eram as mesmas, as formas de se organizar, até as previsões de financiamento, umas mais específicas, mas muito parecidas, muitas semelhanças. Talvez um pouco mais de diferença com relação a financiamento quando o governador, ou prefeito, estavam ali juntos para implementar e conseguir a parte financeira.

G3 - Tem algum contato com responsáveis destes programas? Quais os problemas, dificuldades na implementação dos Planos que têm identificado?

Agora não mais, já tem quase 3 anos, 4 anos, que estou fora da comissão desse trabalho, então não tenho encontrado mais não. Eu cheguei a encontrar algumas pessoas coincidentemente porque muitos desses que seguram o plano estão a frente de programas como o a Olimpíada da Língua Portuguesa, então quando eu viajava para encontros nacionais, eu encontrava algumas pessoas que cuidavam de seus planos, a gente trocava algumas ideias, isso a um ou a dois anos atrás, isso foi interessante, mas não tenho mais contato não. E dificuldades, e problemas, até onde eu conversei eram os mesmos.

G4 - E ao nível dos resultados?

Eu não tive nenhuma notícia sobre isso. Deixei de acompanhar sobre isso, e estou desinformada em relação aos resultados, se eles continuam, gostaria muito de saber até.

G5 - Em sua opinião em que momento a questão da leitura tornou-se um problema de políticas públicas no seu país? E a nível internacional?

Se eu não estiver equivocada, o problema da falta de leitura, de repente os níveis de leitura não estão alcançados devidamente quando aparece as avaliações externas. Eu coordenei a avaliação nacional da alfabetização ano passado aqui em Brasília e a gente buscava com a aplicação daquela avaliação justamente averiguar onde é que está errando, porque que as crianças não estão aprendendo a ler nesse aspecto inicial, então, tinham níveis de leitura (A, B e C) e a gente enquadrava ali aquelas crianças, algumas mal escreviam já no terceiro ano de alfabetização, a gente tentava discernir ali naquelas manifestações da escrita dela, algum sentido, mas em alguns casos era difícil. De qualquer forma eu sei que isso virou um problema de política pública quando os índices foram muito abaixo, e a gente vai falar que são inúmeras as razões, imagina... eu ouço por aí que a gente está aqui em Brasília no mar de rosas, maior parte dos professores são formados, tem nível superior, tem uma boa formação, sabem exatamente como se deve sintetizar e a gente ainda tem dificuldade, imagina em uns rincões por aí que o pessoal é mal pago, as condições das escolas, estruturais, são pifeas. Então eu sei que isso tudo junto, fora as condições econômicas mesmo do nosso povo, muita pobreza ainda, isso tudo reunido é que gerou esse problema de leitura, de índice baixo de leitura, inadequado, ineficiente, ineficaz, não sei como a gente pode classificar isso como um nível de leitura, agora eu não tenho dúvida de que é por isso mesmo que os planos não pode morrer, nem o Plano Nacional, nem os Distritais, nem os Federais, nem os municipais, esses planos deviam ancorar. Eu conversava isso na época que eu estava elaborando o plano com outras subsecretárias ao lado e eles preocupados com os índices, e eu “gente, a gente tem que trabalhar junto, a gente está lutando pela mesma causa”. Então esses planos de fomento a leitor não podem morrer, são eles que vão calçar essa política pública e pra mim é tão claro isso e as pessoas não enxergam. Em nível internacional eu desconheço, não é a minha área de pesquisa e nem de estudo. Então eu fico pensando que a sua pesquisa de alguma maneira deve desvelar, que já estão desvelando né? É que as políticas não podem acabar. Tem um amigo meu que diz, a política não pode ser de alguém, a política tem que ser de estado, porque vão entrar governantes, vão sair governantes e a política vai continuar. Isso acontece infelizmente, a gente vê a dificuldade que é, políticas interessantes mesmo que nós conseguimos palpavelmente visualizar, mesmo na área da educação e da cultura, as pessoas não reconhecem, se brincar, sai um governo de esquerda, entra um de direita, isso vai mudando e a gente vai perdendo esses calços e vai

ficando capenga, vai ficando instável, e as crianças, os nossos alunos, a rede pública de quem mais precisa, vai ficando desamparada. Então eu fico pensando que a gente precisa mesmo fortalecer, que essa pesquisa sua seja um grande startador disso.